



O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA NO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO: MÍDIAS E REDES SOCIAIS EM FOCO

Diêgo Aric Cerqueira Souza e Cruz
Universidade do Estado da Bahia
aric.diego1@gmail.com

Cleyton Williams Golveia da Silva Brandão
Universidade Federal da Bahia
cleytonya@hotmail.com

Eúde Trindade Cerqueira
Universidade Federal da Bahia
eudetrindade@gmail.com

Tarsis de Carvalho Santos
Universidade do Estado da Bahia
ths.carvalho@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa o desenvolvimento tecnológico e seu caráter proposicional, polissêmico e propulsor de diálogos, conscientização de direitos e empoderamento da mulher negra, focando em mídias digitais e redes sociais. O artigo visa despertar as reflexões aos evidentes retrocessos do preconceito e aspectos redutivos e indutivos quanto às relações de gênero e raça nas mídias e plataformas digitais. A proposta do texto tem o objetivo pensar a tecnologia como avanço, inovação e ferramenta para a promoção do discurso feminino negro. Analisa-se que apesar os avanços fomentaram as discussões de gênero se perpetuam nos meios comunicacionais, servindo de base para investigação das desigualdades existentes na contemporaneidade. Propomos uma reflexão através da revisão bibliográfica e de pesquisas das situações e campanhas de empoderamento de mulheres negras nas mídias e redes sociais. O desígnio é refletir sobre o desenvolvimento tecnológico, qual seria a sua proposta para o empoderamento da mulher negra e o que é encontrado nas plataformas tecnológicas de relacionamentos intersubjetivos. Conjetura-se o uso da rede social e das mídias como artefato de valorização da mulher negra, sua estética, seu corpo e sua força ideológica, mas também as potencialidades das mídias e redes sociais quanto ao preconceito misógeno presente na sociedade, suas narrativas, vivências e lutas.

Palavras-chave: Empoderamento da Mulher Negra. Desenvolvimento Tecnológico. Mídias. Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

“Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, há um tempo, juiz e parte”. (Poulain De La Barre, sec. XVII). Discorrer

sobre empoderamento da mulher – negra – quando se tratam de homens é complicado. Um homem, ao escrever sobre mulheres – mais especificamente sobre suas dores e



lutas diárias – é suspeito, pois ao mesmo tempo em que ele é defensor, também pode ser opressor. As diversas opressões podem ser diagnosticadas ao analisar alguns dados, onde se pode confirmar que homens estão acima das mulheres em todas as esferas: na política, na mídia, no entretenimento e na educação. Um bom exemplo disso é que, de acordo com pesquisas da Catho realizadas em 2015, o sexo masculino recebe cerca de 30% a mais do que o sexo feminino em proventos salariais, exercendo o mesmo cargo ou posição trabalhista. A sociedade é regida pelo machismo – a superioridade artificial dos homens sobre elas: as mulheres.

Quando um menino nasce, ele é socializado como um homem por causa do pênis, e passa a receber privilégios por conta disso. Recebem direcionamentos de como um homem deve se portar na sociedade através de programas de televisão, brinquedos e até pelos pais em seu leito familiar. O homem é instruído a ser valente, corajoso, mulherengo, forte, “pegador” e apático aos comiserações femininas. Contrapondo isso, a menina aprende a ser recatada, delicada, educada, gentil, pura e bonita – beleza esta que tem todo um padrão de peso, alisamento dos cabelos, remoção dos pelos, vestuário adequado e outras searas. A raiz do problema está exatamente nos

processos culturais que cultivam a hegemonia do homem opressor e a submissão da mulher.

É importante a desconstrução de discursos machistas e misóginos¹ possibilitadas pelas revoluções feministas, enquanto houver, por exemplo, piadas machistas em uma mesa de bar ou a justificativa a violência contra mulheres com frases como “ela que pediu”.

A partir desses pontos existentes, a proposta apresentada nesse artigo tem como base às reflexões que circundam as mídias e redes sociais, os processos tecnológicos, suas linguagens e redes. Em tempo, essa revisão bibliográfica tem o objetivo de encarar os diálogos que tratam as variadas manifestações de mulheres – negras – em rede, provocando questionamentos quanto às tensões existentes nas relações dos sujeitos sociais. A proposicionalidade das mídias digitais no qual as redes sociais estão inseridas, nos mostra às diversas mudanças na contemporaneidade, tanto positivamente quanto negativamente no que diz respeito às relações de gênero, raça e sexualidade.

¹ Misógino é o indivíduo que pratica a misoginia. Misoginia é a repulsa, ódio ou desprezo contra as mulheres, suas ações, relações, afetividades e condutas.



Os estudos sobre os processos tecnológicos se fundam para dar conta dos enclaves e potencialidades que as tecnologias da informação e comunicação possuem. O espaço de diálogo criado pelas tecnologias digitais e as (re) socializações evidenciadas pelas redes sociais, mostram a autoria dos sujeitos tecnológicos e, acima de tudo, emerge as percepções dos aspectos antropológicos da sociedade em rede.

A metodologia de construção do referido artigo se faz no levantamento de autores que deem conta das tensões e dimensões que envolvem o tema; trata-se de uma revisão bibliográfica que mostra aspectos do cotidiano e, adicionado a eles, desenharemos um apanhado histórico e social da relação entre os sujeitos tecnológicos, suas ações e suas interfaces no que diz respeito ao empoderamento da mulher negra na contemporaneidade.

O texto se baseia em raciocínios importantes, principalmente na voz de mulheres negras e sua utilização das redes para autoafirmação e resistência. Visaremos descortinar as redes sociais e apontar seu caráter difusor de discursos auto afirmativos. Relataremos que as redes sociais alavancam o que o estado ainda não faz: proteger o povo negro, aqui em foco, mulheres negras e suas relações de poder frente às intempéries machistas da

cultura tecnológico-midiática-social.

EMPODERAMENTO NAS MÍDIAS E NAS REDES: INTERFACES ENTRE DISCURSOS, RELAÇÕES SOCIAIS E ESTRATÉGIAS DE PODER

(...) partindo do suposto de que em uma sociedade plural e democrática a mídia não tem como ser unidimensional e monolítica e seus órgãos tendem ou a se contrapor ideologicamente uns aos outros ou a se dividir entre si em termos de conteúdo e informação, qual é a real influência política das mídias? Como atuam suas redes? Ela forma, informa ou deforma a opinião pública? (Nogueira, 2006, p. 11)

O debate que concerne o significado das mídias e suas redes na modernidade tardia – tanto no que diz respeito às relações sociais e discursos lançados em rede, tanto quanto a efetiva potência política que as redes sociais e mídias digitais possuem – está atravessando análises cada vez mais atentas. A influência das redes em ambientes virtuais e fora deles – mídias



impressas, televisivas ou radiofônicas – constituem papel importante e ideológico na sociedade. Atualmente, é através delas – mídias e redes - que podemos ver o empoderamento da mulher negra e seus combates: os espaços têm a glória hipertextual e polissêmica que os embates necessitam, e visualizações rápidas e instantâneas que os assuntos merecem.

Os meios de comunicação constituem hoje em dia um dos mais importantes e influenciadores agentes de socialização de gênero. Através dele se transmite de modo muito sutil e inconsciente, uma visão parcial e estereotipada das mulheres. Exemplo disso é como as mulheres são postas. Não precisamos ir muito longe. Há uma dificuldade gritante, em haver reportagens em que apareçam mensagens nas quais se questionem a dupla jornada de trabalho desempenhada pelas mulheres ou inserções que as protagonistas sejam mulheres que detenham o poder, ou seja, consultadas como especialistas. Já nas redes sociais podemos ver o inverso. Incrivelmente, esses espaços relacionais estão ganhando força no aspecto ideológico e, acima de tudo, propõe de forma rápida e instantânea que as informações cheguem rapidamente a diversos leitores. Não é diferente nas redes sociais. Essas últimas que podem ser classificadas como:

Uma das principais características das redes sociais é seu caráter relacional. Em uma rede, as relações entre os participantes dão o tom de seu funcionamento mais do que as características específicas de cada um (MARTINO, 2015, p. 57)

O caráter relacional das redes sociais traz a luz das discursões de gênero o uso das mesmas como estratégias de poder entre o sexo masculino e o feminino. Além disso, através das relações intersubjetivas proporcionadas pelas redes sociais, se abre um canal de diálogo a uma grandiosa parcela de pessoas por/pelo dilúvio de informações cotidiano nas plataformas. Uma rede é cultivada por atores que, por sua vez, se ligam/entrelaçam. A palavra *ator* no que se tratam as redes sociais está ligada a ação. Acionar formas de defesa a cultura e representatividade de mulheres negras, suas afetividades e história de luta, são uma relação ator – rede na contemporaneidade.

Analisando os discursos nas mídias, pode-se pensar na exclusão social por meio das relações de poder estabelecidas. Mulheres negras são, historicamente, massacradas pela persuasão e pela castração a fala e posicionamento em sociedade. Sobre essa



exclusão social instalada por parcelas populacionais beneficiadas, um paralelo pode ser feito através do fragmento de Bauman onde:

O poder de compra da sociedade e a capacidade de consumo tornaram-se critérios cruciais para se avaliar o grau de adequação de um país ao clube do poder – ao qual aplicamos vários títulos grandiosos de organizações internacionais. A questão de ser ou não uma democracia só se torna relevante quando você não tem poder e precisa ser controlado por meio de varetas retóricas ou políticas (BAUMAN, 2014, p. 66)

O poder nas redes através das forças capitalistas aparece em várias situações midiáticas. Não é raro encontrar exemplos de textos, reportagens, postagens e diversas falas em que o emprego do masculino genérico é a alternativa mais funcional para os propósitos discursivos em jogo. Assim, sua desconstrução passa por eliminar todas aquelas palavras que mantêm as mulheres negras não apenas invisíveis, discriminadas e exclusas, mas por eliminar também o uso de palavras que as desvalorizam, subordinam, rebaixam ou que não são equitativas. É exatamente isso que as movimentações feministas

fazem ao propor ações de combate ao preconceito nas redes sociais: mudar o opressor e mantê-lo visivelmente destacado. Os papéis nas redes sociais têm a oportunidade de se invertem positivamente.

O uso de palavras e ações discriminatórias vai além dos muros das mídias, pois tem cunho serio e agressivo. Ao dizer em um post que *“a moreninha usou esse shortinho curto só pra me deixar daquele jeito”*, o autor reflete o poder da palavra e da violência que pode inclusive culminar em agressões físicas e sexuais. E é para barrar esse discurso que mulheres negras têm agido nas redes sociais: minimizar, denunciar, repudiar, levar a reflexões e procurar justiça por tais crimes dos agressores. Ao pensar no problema, refletimos a importância de afirmar meninas negras ainda jovens, pelas redes sociais ou não, por que:

As violências de cunho sexual em crianças e jovens atravessam tempos, sem cicatrização previsível e o contar faz parte do processo de cuidar desse trauma, tentar lidar ou superá-lo. Insiste-se na importância do diálogo para o processo de afirmação identitária das jovens (ABRAMOVAY, 2004, p. 276)



Ao promover o debate da ideologia do empoderamento de mulheres negras em todos os aspectos às meninas negras, sua estética, sua representação em sociedade, sua aceitação, seu cabelo crespo e sua afetividade combativa frente ao machismo e racismo, evitamos o seu rendimento as estratégias de masculinidade nas redes sociais e na vida. As masculinidades surgem como um opressor que garante a diminuição do sexo feminino quanto às atividades normativas em sociedade. Segundo Joalice Conceição (2012, p. 130), “as masculinidades e feminilidades não estão restritas, respectivamente, ao homem ou à mulher. Elas são vivenciadas a partir de determinadas circunstanciais e desejos; assim, cada indivíduo utiliza suas performances para alcançar seus objetivos”. Apesar de receber muitas críticas de movimentos feministas que o acusaram de polarizar questões de gênero, suavizar seus estudos para os homens e por ser um homem falando de dominação masculina sobre o gênero feminino, citamos:

Sempre vi na dominação masculina e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave insensível, invisível a

suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIER, 2003, p. 7 – 8).

Daí a importância do estudo das mídias digitais e redes sociais: ao mergulhar no que acontece nesses levantes comunicacionais percebemos que posts e discursos devem ser inclusivos não apenas no que se refere ao gênero, mas a outros grupos identitários, reduzindo a invisibilidade de grupos minoritários e levantando bandeiras necessárias de inclusão e diversidade. E, de fato, isso cresce cada vez mais, positivamente nas mídias e redes sociais. Por meio delas, dá-se voz, criam-se laços e transmitem-se rapidamente informações por um dispositivo móvel. Utiliza-se as mesmas para fins discriminatórios, como vimos anteriormente, mas os movimentos criam obstáculos à difusão desses diálogos nocivos. É o uso da tecnologia a favor do combate e contra a repressão. O empoderamento nas mídias e redes sociais cria interfaces discursivas, analisa e propõe relações sociais e canaliza as estratégias de



poder para uma sociedade mais transformadora.

O EMPODERAMENTO DE MULHERES NEGRAS NAS REDES SOCIAIS E UM BREVE RELATO HISTÓRICO

“#MeuAmigoSecreto me deu uma cabeçada no nariz, me humilhou, chutou e mordeu; mas eu sou louca e na verdade ele encostou a cabeça no meu rosto, os pés nas minhas pernas, os dentes no meu braço e a mão no meu cabelo. Ele bebeu e eu é que estou errada de não ter entendido depois”. A hashtag “MeuAmigoSecreto” é uma das inúmeras maneiras de protestos femininos nas redes sociais. Constitui-se de uma reunião de relatos e denúncias sobre casos de machismo que as mulheres – negras – vivem rotineiramente. As mensagens falam daquele amigo – irmão, primo, tio, pai, namorado, marido, estranho – que faz comentários chulos, carregados de preconceitos enraizados. Também há acusações de agressões verbais e físicas.

Esta campanha é um dos exemplos da onda do empoderamento – negro – feminino que vem se alastrando nas redes sociais, principalmente no “facebook”. Para Djamila Ribeiro (2015):

Empoderamento [...] significa o comprometimento com a

luta pela equidade. Não é a causa de uma pessoa de forma isolada, mas como essa pessoa faz para promover o fortalecimento de outras mulheres com o objetivo de promover uma sociedade mais justa para as mulheres. Perceber que uma conquista individual de uma mulher não pode estar descolada da análise política. O empoderamento não pode ser algo autocentrado dentro de uma visão liberal, ou ser somente a transferência de poder, é além, significa ter consciência dos problemas que nos aflige e criar mecanismos de combatê-lo. Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar outras (RIBEIRO, 2015).²

Mas, por que as mulheres – negras – necessitam empoderar-se? A resposta está no apanhando histórico. Historicamente, o Brasil foi descoberto em 1500, e desde então a mulher é vista como um objeto de utilidade ao homem em todos os aspectos, inclusive os sexuais. Elas lhe deviam obediência, respeito e precisavam estar aptas para satisfazer a vontade dos cônjuges na ocasião em que eles julgassem convenientes. Cuidar da casa, dos filhos e atender as necessidades dos maridos eram

² Djamila Ribeiro escreve sobre o empoderamento da mulher negra. A autora é filósofa e tem seus estudos concentrados em filosofia política e feminista



seus únicos papéis sociais e desde a infância eram educadas para tais funções. Quando se tratavam de mulheres negras, a inferioridade imposta pela classe masculina piorava. Por ventura dos longos e sofridos anos de escravidão, a mulher “melanidade” sempre permaneceu em último lugar na escala social, sendo àquela que mais carregou desvantagens do injusto sistema racista e patriarcal do país.

Diversas pesquisas realizadas nos últimos anos comprovam que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor. Dados recentes do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) demonstram mais detalhes sobre a distribuição de mulheres negras e não negras no trabalho doméstico, segundo algumas regiões metropolitanas. Em Salvador, mais de 85% da população é negra e em Porto Alegre, a maior proporção é de não negros.

Os serviços domésticos foram o segundo setor mais importante em termos de ocupação, com exceção de Salvador, onde o comércio empregou 17,5% das negras e os serviços domésticos, 17,0% e Fortaleza, onde os percentuais verificados foram 19,9% e 19,2%, respectivamente (Dieese, 2011).

Segundo Januário Garcia (2007), militante do movimento negro: está na hora de admitirmos que há histórias das mulheres negras sem o Brasil, mas não há Brasil sem as mulheres negras. Zumbi dos Palmares nasceu em 1655, em Alagoas. Ícone da resistência negra à escravidão liderou o Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas no Brasil Colonial. Todavia, Dandara de Palmares foi de suma importância na construção e manutenção do Quilombo dos Palmares. Logo, por que ela não é exaltada no dia da consciência negra? Reflitamos.

No ano de 2013 foi instaurado no Brasil o projeto Women-gov, que tem o objetivo de abordar como as tecnologias digitais podem ser utilizadas adequadamente para criar modelos de governança participativa que possibilitem mulheres marginalizadas social e economicamente em contextos locais. Para este fim, as organizações parceiras estão trabalhando em cada lugar com os coletivos/organizações de mulheres no nível das bases, explorando as possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais para facilitar a mobilização política das mulheres, o seu engajamento ativo com estruturas de governança, e sua articulação coletiva e negociação de interesses. O nome local – brasileiro – escolhido para



este projeto internacional foi Yalodês. Graciela Selaimen³(2013) explica que:

No idioma iorubá, Yalodê é a palavra usada para se referir às mulheres que representam e falam em nome de outras mulheres, que emergem como líderes políticas e agentes de transformação, que são emblemáticas no desenvolvimento de suas comunidades, na defesa de direitos, na manutenção das tradições culturais e religiosas, e no desafio ao status quo pela luta contra os poderes estratificados da ordem dominante – machista, eurocentrada, baseada na exploração capitalista das pessoas e da natureza (SELAIMEN, 2013).

Percebe-se, então, que a palavra Yalodê define, de maneira bastante clara, o que é o movimento de empoderamento feminino negro.

A desconstrução dos padrões de beleza atuais – muitas vezes espelhados em mulheres europeias – também faz parte do processo de empoderamento feminino negro. Não é novidade que a estética negra não é valorizada por nossa sociedade. A indústria da beleza vende a ideia de que a mulher ideal é loira e branca com os olhos

claros. Ter o cabelo crespo – conhecido popularmente como “duro” –, ter os lábios grossos e ser gorda – além de negra – é motivo para meninas sofrerem preconceito, as mulheres negras não passarem em seleções de emprego e não conseguirem tirar documentos, como foi o caso da estudante Márcia Lima, negra, 24 anos, foi impedida de tirar um cartão de meia passagem para transportes públicos no estado da Paraíba, por apresentar uma foto 3x4 usando o cabelo no estilo Black Power. Márcia Lima denunciou o episódio nas redes sociais: “Se todas as mulheres acordassem amanhã amando seus corpos, quantas empresas iriam falir?” (LIMA, 2016).

A rede social “facebook” está repleta de páginas que fazem a promoção do empoderamento feminino negro.

Um exemplo é a página “A Mulher Negra e o Feminismo”, que tem como objetivo explicitar e discutir qual o papel de mulheres negras dentro do feminismo. A descrição da página, criada em 2013, perpassa pelas searas da importância de se falar do empoderamento negro dentro do feminismo em geral. Parte da descrição coloca que:

Reafirmar o movimento de mulheres negras é mais que necessário, é uma questão de

³ Graciele Selaimen escreve sobre tecnofobia contra mulheres. É membro do conselho de diretores da APC (Associação para o Progresso da Comunicação) e membro do Programa de Apoio a Redes de Mulheres da APC (PARM).



entender o quão grave é a opressão ao povo negro, o segregacionismo. Mas entender o recorte classista também é importante. Todas as negras sofrem de opressão, mas a mulher negra que é explorada é quem mais sofre com o sistema que vivemos⁴.

Em 2015, Valentina, uma menina de 12 anos, participante do programa de TV *MasterChef Júnior*, sofreu assédio criminoso nas redes sociais, chegando a receber mensagens com teor sexual. Este fato foi o estopim para o início da campanha #PrimeiroAssédio. Sobre isso, Virgínia Barros (2015) escreveu:

Os homens se depararam com uma multidão de mulheres relatando o constrangimento e a violência aos quais somos submetidas desde a infância (...) Mas o fato é que milhões de mulheres em todo o Brasil leram os relatos de outras mulheres e despertaram para a ideia de que ‘Não, eu não estou sozinha!’

Na mesma época deste ocorrido com Valentina, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) surpreendeu a todos com

⁴ Fragmento retirado da página A Mulher Negra e o Feminismo.

sua questão feminista que citava Simone de Beauvoir e o tema de sua redação foi: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Para Virgínia Barros (2015):

Por algumas horas, milhões de pessoas precisaram parar para refletir sobre este assunto tão importante. E, veja bem, não se tratava da violência contra as mulheres simplesmente, o que por si só já seria marcante. Mas no enunciado da redação, uma palavra incomodava: ‘persistência’.

Para muitos, a mobilização feminina brasileira foi uma surpresa. Mas, para muitas mulheres foi o escancarar de uma realidade vivida – e sofrida – rotineiramente, durante longos e sofridos anos de suas existências. Ser mulher – negra – no Brasil nunca foi fácil. As sequelas dos prolixos e padecidos anos de escravidão e misoginia afetam as mulheres negras até hoje. Afinal, “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” MANDELA, 2008, p. 1. As mulheres negras precisam continuar insurgindo contra o racismo e batalhando



para serem reconhecidas como mulheres. Desta forma, viveremos em uma sociedade repleta de Yalodês que, entre si, transformarão a sociedade em um ambiente seguro para o convívio de mulheres – negras.

NOTAS CONCLUSIVAS

O artigo exposto trata de questões relativas ao empoderamento de mulheres negras nas searas do desenvolvimento tecnológico, desembocando no racismo e no preconceito instalado por uma sociedade machista, patriarcal e misógina. As reflexões giraram desde os processos de evolução tecnológica até a – falta – história sobre o feminismo negro. Regras de comportamento, heteronormatividade, atitudes e preconceitos vorazes de uma parcela que não se encaixa nos modelos tidos como “corretos” da organização social, impulsionam discursos de ódio, estratégias de poder e dominação do sexo masculino ao feminino. A questão ainda é mais latente ao se falar de mulheres negras. O preconceito é ainda mais fagocitante, visto que o racismo é – por vezes - simbólico, acaba retirando a cidadania e o poder de mulheres negras e guerreiras dia após dia. Acreditamos que o passado negado das mulheres negras pode ser combatido nas redes sociais. As filhas da terra adorada não fogem à luta. Homens e mulheres devem ser tratados de maneiras iguais,

devem cumprir e ter direitos as mesmas leis, ter as mesmas oportunidades de trabalho, formação acadêmica e respeitar uns aos outros, independentemente de suas raças, crenças, ideais e valores. Destarte, chegar-se-ia em uma igualdade de gênero e as filhas – negras – deste solo teriam uma, genuína, mãe gentil.

Yalodê!

REFERENCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary; SILVA, Lorena Bernadele (org). **Juventude e Sexualidade**. Brasília - DF. UNESCO, Brasil, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira Moral: A perda da Sensibilidade na Modernidade Líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1º Ed – Rio de Janeiro. Zahar, 2014.
- CONCEIÇÃO, Joalice (org). **Masculinidades e Feminilidades como Estratégia de Poder**. Rio de Janeiro. Multifoco, 2012
- CRUZ, D. A. C. S; BRANDÃO, C. W. G. S. O passado negado e o presente axiológico de mulheres negras: mudanças sócio – antropológicas na história. **IN: V CBPN – Congresso Baiano de Pesquisadores Negros**. UESB. Jequié, 2015



GOULART, Jefferson O. **Mídia e Democracia**. São Paulo. Annablume, 2006.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz (org). **Scripta**. V. 1, n. 1, 1997 – Belo Horizonte. Ed. PUC Minas, 2014

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2. Ed – Petrópolis, RJ. Vozes, 2015

MESSEDER, Sueli Aldir; MARTINS, Antônio M (org). **Enlaçando a Sexualidade**. Salvador. EDUNEB, 2009

NOVA, Cristiane; ALVES, Lynn (org). **Educação e Tecnologias**. Salvador. EDUNEB, 2003.

_____ **Mediatamente: Televisão, Cultura e Educação**. Secretaria de Educação a Distância – Brasília, DF. Ministério da Educação, SEED, 1999.

Portal Globo.com, Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/1/1/mulheres-negras-tomam-ruas-e-redes-sociais-contra-duplo-preconceito.html>

Portal Geledés, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>

Portal Geledés, Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> - acesso em 21 de maio de 2016

Portal Revista Época, Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/1/1/primavera-das-mulheres.html> - acesso em 20 de maio de 2016

Portal UNE, Disponível em: <http://www.une.org.br/opiniaio/a-primavera-das-mulheres-ou-uma-homenagem-a-loreta-valadares/> - acesso em 10 de março de 2016

Portal Globo.com, Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2016/02/estudante-diz-ter-sofrido-preconceito-ao-tentar-tirar-carteira-de-passe-na-pb.html> - acesso em 22 de março de 2016

Page Facebook, Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes/timeline> - acesso em 20 de maio de 2016

Page Facebook, Disponível em: https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/info/?tab=page_info acesso em 11 de janeiro de 2016

Page Facebook, Disponível em: <https://www.facebook.com/Negra.Feminista/?fref=ts> – acesso em 14 de abril de 2016

Page Facebook, Disponível em: <http://www.genderit.org/es/node/3918/> - acesso em 03 de fevereiro de 2016